



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NA PLENÁRIA DA CONGREGAÇÃO
PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA
E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA**

Sala Clementina

Sábado, 28 de janeiro de 2017

[Multimídia]

Amados irmãos e irmãs!

É para mim motivo de alegria poder receber-vos hoje, quando estais reunidos em Sessão Plenária para refletir acerca do tema da fidelidade e dos abandonos. Saúdo o Cardeal Prefeito e agradeço-lhe as palavras de apresentação; e saúdo todos vós expressando-vos o meu reconhecimento pelo vosso trabalho ao serviço da vida consagrada na Igreja.

O tema que escolhestes é importante. Podemos dizer que neste momento a fidelidade é posta à prova; as estatísticas que examinastes demonstram-no. Estamos diante de uma “hemorragia” que debilita a vida consagrada e a própria vida da Igreja. Os abandonos na vida consagrada preocupam-nos. É verdade que alguns deixam por motivo de coerência, porque reconhecem, depois de um discernimento sério, que nunca tiveram vocação; mas outros, com o passar do tempo, não respeitam a fidelidade, muitas vezes poucos anos depois da profissão perpétua. O que aconteceu?

Como justamente indicastes, são muitos os fatores que condicionam a fidelidade nesta que é uma *mudança de época* e não só uma *época de mudança*, na qual é difícil assumir compromissos sérios e definitivos. Há tempos, um bispo contou-me que um jovem bom com formação universitária, que trabalhava na paróquia, foi ter com ele e disse-lhe: “Eu quero ser padre, mas por dez anos”. A cultura do provisório.

O primeiro fator que não ajuda a manter a fidelidade é o contexto social e cultural no qual nos

movemos. Vivemos imersos na chamada *cultura do fragmento*, do *provisório*, que pode levar a viver “à la carte” e a ser escravos das modas. Esta cultura induz à necessidade de ter sempre “portas secundárias” abertas a outras possibilidades, alimenta o consumismo e esquece a beleza da vida simples e austera, causando muitas vezes um grande vazio existencial. Difundi-se também um forte relativismo prático, segundo o qual tudo é julgado em função de uma autorrealização muitas vezes alheia aos valores do Evangelho. Vivemos em sociedades nas quais as regras económicas substituem as morais, ditam leis e impõem os próprios sistemas de referência em desvantagem dos valores da vida; uma sociedade na qual a ditadura do dinheiro e do lucro propugna uma visão da existência segunda a qual quem não rende é descartado. Nesta situação, é claro que primeiro é preciso deixar-se evangelizar para depois se comprometer na evangelização.

A este fator do contexto sociocultural devemos acrescentar outros. Um deles é o *mundo juvenil*, um mundo complexo, rico e ao mesmo tempo desafiador. Não é negativo, mas complexo, sim, rico e desafiador. Não faltam jovens muito generosos, solidários e dedicados a nível religioso e social; jovens que procuram uma verdadeira vida espiritual; jovens que têm fome de algo diverso daquilo que o mundo oferece. Há jovens maravilhosos e não são poucos. Mas entre os jovens há também muitas vítimas da lógica da *mundanidade*, que se pode sintetizar assim: busca do sucesso a qualquer preço, do dinheiro fácil e do prazer fácil. Esta lógica seduz também muitos jovens. O nosso compromisso mais não pode ser do que estar ao lado deles para os contagiar com a alegria do Evangelho e da pertença a Cristo. Esta cultura deve ser evangelizada se quisermos que os jovens não sucumbam.

Um terceiro fator condicionante provém do interior da própria vida consagrada, onde ao lado de tanta santidade — há muita santidade na vida consagrada! — não faltam situações de *contratestemunho* que tornam difícil a fidelidade. Tais situações, entre outras, são: a *rotina*, o cansaço, o peso da gestão das estruturas, as divisões internas, a busca de poder — os arrivistas — uma maneira mundana de governar os institutos, um serviço da autoridade que por vezes se torna autoritarismo e outras vezes um “deixar fazer”. Se a vida consagrada quiser manter a sua missão profética e o seu fascínio, continuando a ser escola de fidelidade *para os próximos e para os distantes* (cf. *Ef 2, 17*), deve manter o vigor e a novidade da centralidade de Jesus, o fascínio da espiritualidade e a força da missão, mostrar a beleza do seguimento de Cristo e irradiar esperança e alegria. Esperança e alegria. Isto mostra-nos o andamento de uma comunidade, o que há dentro. Há esperança, há alegria? Está bem. Mas quando falta a esperança e não há alegria, a situação está feia.

Um aspeto que deverá ser cuidado de maneira particular é a *vida fraterna em comunidade*. Ela deve ser alimentada com a oração comunitária, a leitura orante da Palavra, a participação ativa nos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, o diálogo fraterno e a comunicação sincera entre os seus membros, a correção fraterna, a misericórdia em relação ao irmão ou à irmã que peca, a partilha das responsabilidades. Tudo isto, acompanhado por um eloquente e jubiloso

testemunho de vida simples ao lado dos pobres e de uma missão que privilegie as periferias existenciais. Da renovação da vida fraterna em comunidade dependem muito o resultado da pastoral vocacional, o poder dizer «vinde ver» (cf. *Jo* 1, 39) e a perseverança dos irmãos e das irmãs jovens e menos jovens. Porque quando um irmão ou uma irmã não encontra apoio para a sua vida consagrada dentro da comunidade, vai procurá-lo fora, com tudo o que isto comporta (cf. *Vida fraterna em comunidade*, 2 de fevereiro de 1994, 32).

A vocação, como a própria fé, é um tesouro que trazemos em vasos de barro (cf. *2 Cor* 4, 7); por isto devemos preservá-la, como se preservam as coisas mais preciosas, a fim de que ninguém nos roube este tesouro, e que ele não perca a sua beleza com o passar do tempo. Este cuidado é tarefa antes de tudo de cada um de nós, que fomos chamados a seguir Cristo mais de perto com fé, esperança e caridade, cultivadas todos os dias na oração e reforçadas por uma boa formação teológica e espiritual, que defende das modas e da cultura do efêmero e permite caminhar firme na fé. Sobre este fundamento é possível praticar os conselhos evangélicos e ter os mesmos sentimentos de Cristo (cf. *Fl* 2, 5). A vocação é um dom que recebemos do Senhor, o qual olhou para nós e nos amou (cf. *Mc* 10, 21), chamando-nos a segui-lo na vida consagrada, e é ao mesmo tempo uma responsabilidade de quem recebeu este dom. Com a graça do Senhor, cada um de nós está chamado a assumir com responsabilidade em primeira pessoa o compromisso do próprio crescimento humano, espiritual e intelectual e, ao mesmo tempo, a manter viva a chama da vocação. Isto comporta que por nossa vez mantenhamos o olhar fixo no Senhor, prestando sempre atenção a caminhar segundo a lógica do Evangelho e a não ceder aos critérios da *mundanidade*. Muitas vezes as grandes infidelidades começam por pequenos desvios ou distrações. Também neste caso é importante fazer nossa a exortação de São Paulo: «Já é hora de despertarmos do sono» (*Rm* 13, 11).

Falando de fidelidade e de abandonos, devemos dar muita importância ao *acompanhamento*. E gostaria de frisar este aspeto. É necessário que a vida consagrada invista na preparação de acompanhadores qualificados para este ministério. E digo a vida consagrada, porque o carisma do acompanhamento espiritual, digamos, do guia espiritual, é um carisma «laical». Também os padres o têm; mas é «laical». Quantas vezes encontrei religiosas que me diziam: «Padre, por acaso conhece um sacerdote que possa ser meu guia?» — «Mas, diz-me, na tua comunidade não há uma religiosa sábia, uma mulher de Deus?» — «Sim, há aquela velhinha que... mas...» — «Vai ter com ela!». Cuidai vós mesmos dos membros da vossa congregação. Já na precedente Plenária verificastes esta exigência, como consta também do vosso recente documento *Vinho novo em odres novos* (cf. nn. 14-16). Nunca insistiremos o suficiente sobre esta necessidade. É difícil manter-se fiel caminhando sozinho, ou caminhando com a guia de irmãos e irmãs que não são capazes de escuta atenta e paciente, ou que não tenham uma adequada experiência da vida consagrada. Precisamos de irmãos e irmãs peritos nas sendas de Deus, para poder fazer o que Jesus fez com os discípulos de Emaús: acompanhá-los no caminho da vida e no momento da desorientação e reacender neles a fé e a esperança mediante a Palavra e a Eucaristia (cf. *Lc* 24, 13-35). Esta é a tarefa delicada e importante de um acompanhador. Não poucas vocações

perdem-se por falta de acompanhadores válidos. Todos nós, consagrados, jovens ou menos jovens, precisamos de uma ajuda adequada para o momento humano, espiritual e vocacional que estamos a viver. Mas devemos evitar qualquer modalidade de acompanhamento que crie dependências. Isto é importante: o acompanhamento espiritual não deve criar dependências. Enquanto devemos evitar qualquer modalidade de acompanhamento que crie dependências, que proteja, controle ou torne infantil, não podemos resignar-nos a caminhar sozinhos, é necessário um acompanhamento próximo, frequente e plenamente adulto. Tudo isto servirá para garantir um discernimento contínuo que leve a descobrir a vontade de Deus, a procurar tudo aquilo que mais agrada ao Senhor, como diria Santo Inácio, ou — com as palavras de São Francisco de Assis — a «querer sempre aquilo que lhe agrada» (cf. *FF* 233). O discernimento requer, da parte do acompanhador e da pessoa acompanhada, uma aguda sensibilidade espiritual, um pôr-se diante de si mesmo e do outro «*sine proprio*», com total afastamento de preconceitos e de interesses pessoais ou de grupo. Além disso, é preciso recordar que no discernimento não se trata apenas de escolher entre o bem e o mal, mas entre o bem e o melhor, entre aquilo que é bom e o que leva à identificação com Cristo. E continuaria a falar, mas terminemos aqui.

Queridos irmãos e irmãs, agradeço-vos de novo e invoco sobre vós e sobre o vosso serviço como membros e colaboradores da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica a assistência contínua do Espírito Santo, enquanto de coração vos abençoo. Obrigado!